

Epistemologias dissidentes e poéticas do marginal, saberes que resistem, mundos que reexistem: um trabalho com contos “Rolézim”, “Roleta” e “Sextou”, de Geovani Martins

Dissident epistemologies and poetics of the marginal, knowledges that resist, worlds that reexist: a work with short Stories “Rolézim”, “Roleta” and “Sextou”, by Geovani Martins

Rodrigo Felipe Veloso¹

Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes)
Montes Claros, Minas Gerais, Brasil

Resumo: Este artigo propõe uma análise dos contos “Rolézim”, “Roleta-russa” e “Sextou”, presentes no livro *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, sob a perspectiva das epistemologias dissidentes e da produção de saberes periféricos e contra-hegemônicos. Busca-se demonstrar como os textos, por meio de sua linguagem, personagens e estrutura narrativa, desestabilizam os discursos dominantes ao propor um novo regime de visibilidade para os corpos e territórios marginalizados. A partir de referenciais teóricos como bell hooks, Michel de Certeau, Achille Mbembe e Sueli Carneiro, analisam-se fragmentos dos contos como formas de enunciação subalterna, resistência simbólica e performatividade da existência periférica. O objetivo é refletir sobre como a literatura das margens constitui uma prática de conhecimento e uma poética política de inscrição do sujeito historicamente excluído.

Palavras-chave: Epistemologias Dissidentes. Periferia. Resistência. Literatura Marginal. Saber Subalterno.

Abstract: This article analyzes the short stories "Rolézim," "Roleta-russa," and "Sextou," featured in Geovani Martins's book "O sol na cabeça," from the perspective of dissident epistemologies and the production of peripheral and counter-hegemonic knowledge. The article seeks to demonstrate how the texts, through their language, characters, and narrative structure, destabilize dominant discourses by proposing a new regime of visibility for marginalized bodies and territories. Drawing on theoretical frameworks such as bell hooks, Michel de Certeau, Achille Mbembe, and Sueli Carneiro, fragments of the short stories are analyzed as forms of subaltern enunciation, symbolic resistance, and the performativity of peripheral existence. The objective is to reflect on how marginal literature constitutes a practice of knowledge and a political poetics of inscription of the historically excluded subject.

Keywords: Dissident Epistemologies. Periphery. Resistance. Marginal Literature. Subaltern Knowledge.

¹ Pós-doutor em Letras: Estudos Literários pela UFMG; Doutor em Letras: Estudos Literários pela UFJF; Docente no Departamento de Comunicação e Letras da Unimontes, Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. Faz parte como membro permanente dos grupos de pesquisa, A diáspora e memória na literatura de escritoras judias no Brasil, sobre o Núcleo de Estudos Judaicos e o Grupo Interdisciplinar de Estudos Lusófonos. CV Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0028770040198024>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>. E-mail: rodrigof_veloso@yahoo.com.br.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo investiga como os contos “Rolézim”, “Roleta-russa” e “Sextou” se configuram como um dispositivo de enunciação e produção de saberes periféricos, dissidentes e contra-hegemônicos. Em ambos os textos, percebe-se uma narrativa visceral, marcada pela oralidade e pela vivência de corpos racializados e periféricos, os contos desestabilizam as epistemologias dominantes ao instaurar um regime narrativo em que o saber marginal não apenas sobrevive, mas se afirmam como centro de significação.

A modernidade ocidental erigiu uma estrutura epistêmica marcada por hierarquias que privilegiam determinadas formas de conhecimento em detrimento de outras. Dentro desse contexto, o conceito de epistemologias marginais surge como categoria crítica e insurgente, que desafia os alicerces do saber hegemônico e propõe novas formas de compreender o mundo, com base em experiências subalternizadas, corporificadas e localizadas.

As epistemologias marginais não são apenas formas de produzir conhecimento desde as margens: elas são também práticas de resistência e de reexistência, que recriam o mundo a partir de outros referenciais, outras linguagens e outras éticas. Elas não pedem inclusão no sistema dominante de saber, mas propõem a sua subversão e reinvenção.

Ao reconhecer a legitimidade dessas formas de conhecimento, não estamos apenas ampliando o cânone acadêmico: estamos transformando as bases éticas e políticas sobre as quais se assenta a produção de saber. Trata-se de escutar vozes antes silenciadas, de visibilizar corpos antes apagados, de honrar memórias antes esquecidas.

As epistemologias marginais, enfim, nos convocam a imaginar outros mundos possíveis, mundos nos quais o conhecimento não seja um instrumento de dominação, mas uma prática de cuidado, de comunidade e de justiça.

Uma das marcas centrais das epistemologias marginais é a revalorização da experiência como fundamento do saber. A vivência cotidiana, a memória coletiva, o corpo e a afetividade passam a ser tomados não como obstáculos ao conhecimento racional, mas como formas legítimas de produção e transmissão de conhecimento. bell hooks (2017), ao falar da pedagogia do engajamento, defende que o conhecimento nasce na intersecção entre experiência e reflexão crítica, ou seja, no entrelaçamento entre subjetividade e análise estrutural.

No livro *O sol na cabeça*, de Geovani Martins, publicado em 2018, o leitor é imerso em um universo marcado pela vivência nas periferias cariocas. A coletânea reúne treze contos nos quais jovens personagens habitam os morros do Rio de Janeiro, revelando uma cartografia social que desloca os olhares tradicionais sobre os centros urbanos. Ao narrar o cotidiano desses sujeitos, Martins constrói uma literatura de forte impacto social, na qual a favela deixa de ser apenas pano de fundo para se tornar protagonista, reposicionando as vozes marginalizadas no centro da narrativa contemporânea. Logo, ao redimensionar o jovem periférico como sujeito ativo e

transformador, Martins rompe com estereótipos e reafirma a literatura como espaço de denúncia, reconhecimento e construção de novas subjetividades.

Ao tratar do cotidiano de jovens moradores da periferia que buscam uma fuga do calor opressor em direção à praia, os textos vão além da crônica juvenil e revelam-se um testemunho das violências sistemáticas do Estado, da precariedade socioeconômica e da potência cultural das margens. Esta análise propõe que os contos sejam compreendidos como uma poética insurgente que articulam práticas de resistência, narrativas de dor e prazer, além de experiências de autoconhecimento e coletividade.

A literatura marginal, nesse contexto, não se limita à denúncia social. Ela opera como campo de disputa simbólica, territorial e política, instaurando regimes de visibilidade para sujeitos e experiências que a modernidade ocidental buscou apagar ou normalizar. As narrativas de “Rolézim”, “Roleta-russa” e “Sextou” explicitam essa força, ao construir uma atmosfera de tensão, risco e limiaridade, na qual os personagens flertam com a morte, a desesperança e a ruptura. Essas construções nos conduzem à ideia de uma poética do risco e da sobrevivência, em que a linguagem se torna campo de batalha e reinvenção.

O fio condutor da análise é a compreensão de que epistemologias dissidentes, aquelas que se originam nos corpos e territórios historicamente marginalizados, produzem uma reconfiguração do saber, em que o conhecimento é inseparável da dor, do corpo e da resistência. Os contos em apreço encenam essa epistemologia ao nos colocar diante de narrativas que não apenas representam a violência urbana, mas a pensam e a refundam por meio da escrita. Este artigo propõe, portanto, que esses contos funcionem como uma forma de “teoria encarnada”, onde viver e narrar são práticas inseparáveis de conhecimento e transformação.

2 EPISTEMOLOGIAS DISSIDENTES: ENTRE SABERES SUBALTERNOS E PRODUÇÃO SIMBÓLICA

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2000), a sociedade vive um “epistemicídio”, em que saberes oriundos de povos e grupos historicamente oprimidos são sistematicamente deslegitimados. A literatura marginal, nesse contexto, torna-se campo fértil para o exercício de epistemologias dissidentes, como define Sueli Carneiro (2005), ao reconhecer no saber negro e periférico não apenas um conteúdo alternativo, mas um modo singular de elaboração do mundo.

Epistemologias dissidentes são formas de conhecimento que emergem de lugares e sujeitos historicamente subordinados e que se opõem às lógicas universais, coloniais e eurocentradas. Elas reivindicam a legitimidade de saberes situados, incorporados e afetivos, que não se separam da experiência, do corpo e da memória coletiva. Em outras palavras, trata-se da construção de uma “ecologia de saberes”, em que diferentes formas de conhecimento coexistem sem hierarquia, tensionando a monocultura da razão ocidental.

No caso da literatura marginal, essa epistemologia se materializa por meio de uma estética da urgência, da precariedade e da oralidade, que rompe com os cânones

literários tradicionais e propõe novas formas de narrar o mundo. Como argumenta Suely Rolnik (2011), essas poéticas da margem operam como potências micropolíticas que desestabilizam os modos hegemônicos de subjetivação e de organização do sensível. A escrita se torna, assim, um território de invenção, onde o corpo marcado pela violência é também corpo de resistência.

Essa perspectiva é reforçada por bell hooks (2017), ao afirmar que a margem não é apenas o lugar da opressão, mas também do radicalismo, da invenção e da fala subversiva. Pensar a literatura marginal como epistemologia dissidente é, portanto, reconhecer que ela não apenas representa, mas produz mundo, um mundo em que os sujeitos periféricos se tornam agentes do próprio discurso, e não apenas objetos da narrativa dominante.

Michel de Certeau (1998) conceitua a tática como forma de resistência dos sujeitos dominados, que se apropriam dos códigos impostos para subvertê-los. Em “Rolézim”, “Roleta-russa” e “Sextou”, essa tática aparece na própria linguagem, com marcas de oralidade, gírias e expressões que instituem um campo semântico de pertencimento e insurgência. Os narradores constroem suas subjetividades a partir da experiência, deslocando os centros de saber para o cotidiano da favela, os trajetos do ônibus, a praia, o baseado, a laje.

Nas narrativas em estudo, a linguagem emerge como um território de insurgência, isto é, um espaço de resistência simbólica e política contra as formas hegemônicas de expressão e representação. A escrita de Martins, marcada pela oralidade, reconstrói o português a partir dos usos cotidianos da periferia carioca, revelando um gesto literário que legitima as vozes historicamente silenciadas. O autor não apenas retrata os jovens da favela, mas os faz protagonistas de suas próprias narrativas linguísticas, subvertendo padrões normativos e inscrevendo novas formas de dizer e existir no mundo.

Na narrativa “Rolézim”, por exemplo, a linguagem acompanha o fluxo dos pensamentos e das ações dos personagens enquanto se deslocam pela cidade. O uso de expressões como “tava geral boladão” ou “rolé sinistro” recria a sonoridade e o ritmo das falas juvenis periféricas. Além disso, a construção sintática é fluida e dinâmica, espelhando a experiência urbana e os estados emocionais dos personagens.

O texto ainda opera através de uma estética da oralidade urbana que rompe com o português normativo e se ancora no sócioleto periférico, aproximando-se da fala das favelas e “quebradas” cariocas. A construção sintática desconstruída, os neologismos, gírias e expressões locais (“meter o calote”, “marolar”, “ficar morgado”, “bagulho é doido”, “tá ligado”, “verme”) não são simples reproduções do falar popular, eles constroem uma epistemologia própria, insubmissa ao regime de legitimidade acadêmico ou literário tradicional.

O uso desse idioma periférico subverte o cânone literário nacional, promovendo um deslocamento da centralidade da norma culta. Em vez de “representar” o subalterno por meio da língua da elite, o texto é falado pelo subalterno, e isso não apenas lhe dá voz, lhe devolve o poder de narrar sua experiência, como saber.

Já em “Roleta-russa”, a tensão da narrativa se articula por meio de gírias e pausas que sugerem o perigo iminente: termos como “na atividade”, “dar o papo” e “ficar na

contenção” funcionam como códigos de sobrevivência e pertencimento, que só fazem sentido dentro daquele universo simbólico.

Em “Sextou”, a linguagem ganha ainda mais força como dispositivo de subjetivação e denúncia. A naturalização da violência e da desigualdade aparece camuflada em falas marcadas por uma mistura de humor, ironia e dor. A frase “Quando minha mãe descobriu que eu tava fumando cigarro, ela não veio me comendo no esporro” (Martins, 2018, p. 77) evidencia não só uma estrutura oral em uso, mas uma nova estética de narrar que se ancora na experiência direta do narrador com sua realidade. Ao transformar a linguagem em território insurgente, Martins desafia a gramática do poder, reivindicando para seus personagens e leitores, o direito de falar a partir da margem, com suas palavras, ritmos e sentidos próprios.

3 NARRAR A MARGEM EM “ROLÉZIM”

A abertura do conto “Rolézim” já sinaliza a materialidade do território: “acordei, tava ligado o maçarico”, traduz a opressão climática e social sentida pelo corpo periférico. O calor escaldante, o ventilador que sopra ar quente como “o bafo do capeta”, figuram o ambiente como uma extensão do castigo social. A linguagem escancarada, com sua estilística não normativa, já é, por si, um ato de insurgência textual. Como destaca bell hooks (2017), falar a partir da margem é uma forma de reivindicar o lugar da fala como espaço de poder.

O uso reiterado do presente do indicativo, as expressões do funk e do rap, os fluxos de consciência e os cortes abruptos constroem uma gramática do vivido. O conhecimento é experiencial, e o texto se recusa a se adequar à norma culta, performando, assim, o que Mbembe (2018) chama de “corporeidade insurgente”: um corpo que narra sua própria existência sob seus próprios termos.

Um dos fragmentos mais marcantes é a lembrança da morte do amigo do irmão que morreu por overdose: “Queria ter uma conversa de homem pra homem comigo... Overdose” (Martins, 2018, p. 5). A memória é tensionada por um trauma fundacional. O conhecimento sobre o uso de drogas não é ensinado pela escola, nem por instituições públicas, mas pela dor e pela sobrevivência. A fala do irmão constitui um saber oral, comunitário, empírico, transmitido por afetos e experiências traumáticas.

Em outro momento, o narrador evoca a brutalidade policial: “Operação merma só teve quase uma semana depois, que foi até quando tiraram a vida do Jean...” (Martins, 2018, p. 6). A memória da perda de Jean, jovem promissor no futebol, representa a necropolítica em ação, termo de Mbembe (2018), que designa o poder de decidir quem pode viver e quem deve morrer. O Estado, aqui, não é agente de proteção, mas de extermínio.

Apesar da violência, a narrativa também performa uma estética da resistência através do lazer. A ida à praia, os mergulhos, a disputa de fôlego sob a água, os encontros com amigos, o uso ritualizado da maconha, todos são elementos de afirmação da vida. Essa experiência do prazer, como sugere Denise Ferreira da Silva (2009), é parte de uma política radical de existência: “viver apesar”.

O mar funciona como metáfora de liberdade momentânea, onde os corpos negros e periféricos podem se recompor, ainda que sob vigilância constante dos “vermes”, como são chamados os policiais. A descrição da repressão na praia, das dificuldades em conseguir papel para fumar, da tensão ao abordar jovens de classes altas, tudo evidencia as fronteiras simbólicas que separam os corpos nas cidades.

Ao rir dos “playboys” roubados, os personagens transformam a marginalização em agência simbólica. O riso aqui não é gratuito: é político. Como sugere Homi Bhabha (1998), a mímica e o riso são formas de resistência híbrida, que zombam das estruturas coloniais.

Outro elemento fundamental é a presença do rasta: “mandou ficar na atividade... falou pra eu não perder nunca minha fé em Deus” (Martins, 2018. p. 8). Trata-se de um saber espiritual que escapa aos binarismos entre sagrado e profano. A fé, tal como o corpo, é também insurgente, combinando elementos do sincretismo afro-brasileiro com discursos populares de resistência.

O clímax do conto ocorre na tentativa de fuga da abordagem policial: “Meu corpo todo gelou... parecia que tava feito. Era minha vez” (Martins, 2018. p. 9). O momento é a epítome do que Abdias do Nascimento (2017) chamou de drama da existência negra no Brasil. Correr é mais do que gesto físico: é ato de sobrevivência, oração corporal, memória do genocídio e anúncio do porvir. A fuga é coreografia política, inscrição de um corpo que se recusa a ser capturado pela máquina do Estado.

A análise da narrativa “Rolézim” permite afirmar que a literatura periférica não deve ser lida apenas como testemunho ou denúncia, mas como produção efetiva de saber e forma de pensamento. Trata-se de uma literatura que desafia os cânones, que desloca os centros de enunciação e que aposta na potência transformadora das margens.

Através da representação da juventude negra e periférica como sujeitos históricos e epistêmicos, o texto de Jeferson Tenório constrói uma poética da presença que desafia a lógica do apagamento. Ao transformar o “rolezinho” em dispositivo narrativo e político, o conto propõe uma nova forma de estar no mundo, ou seja, um estar que é também reexistir, escrever e insurgir.

Assim, “Rolézim” não apenas denuncia a violência estrutural, mas reconfigura os modos de ver, sentir e pensar a cidade, a juventude e o saber. Sua força reside exatamente na capacidade de afirmar a vida nas brechas do sistema, nas frestas da linguagem, nos rastros da memória coletiva. É nesse sentido que a literatura marginal emerge como epistemologia dissidente e como estética da esperança.

4 A NARRATIVA COMO TECIDO DE MEMÓRIA E VIOLÊNCIA EM “ROLETA-RUSSA”

O conto “Roleta-russa” constrói sua narrativa a partir de uma atmosfera de risco extremo. Desde o título, já se enuncia a tensão entre o acaso e a violência, o destino e o jogo da morte. A roleta-russa é, por definição, um rito de passagem perverso, uma aposta que implica a proximidade com a morte. O texto mobiliza essa imagem para narrar a experiência de um personagem periférico que, ao participar de uma situação-

limite, se confronta com a lógica de sobrevivência imposta pela realidade violenta de seu território.

A narrativa é marcada por uma linguagem direta, por vezes crua, que não se furta ao choque. Isso não é gratuito: trata-se de uma escrita que recusa a suavização estética da dor e aposta em uma poética da presença, em que o corpo, o medo, o suor e o sangue são elementos centrais. Como afirma ainda Mbembe (2018), nas margens do mundo globalizado, o corpo negro e periférico é, muitas vezes, reduzido a carne exposta, e é exatamente contra essa objetificação que o conto se insurge. Trechos como o seguinte exemplificam essa tensão: “Gosta de sentir o peso do revólver, de analisar cada pedaço do objeto, de imaginá-lo em ação. Sobre a adrenalina de mexer na arma bem ali na frente do pai, que dorme na cama ao lado, não consegue definir o que sente, se é bom ou ruim” (Martins, 2018, p. 17).

Aqui, a narrativa desestabiliza a lógica da passividade: o personagem não é apenas vítima, mas agente de uma escolha trágica, moldada por um sistema que lhe retirou todas as outras possibilidades. Ao transformar a morte em jogo, o conto denuncia a banalização da vida na periferia e, ao mesmo tempo, explicita a perversidade estrutural que condiciona os corpos marginalizados a viverem entre a sobrevivência e o colapso.

Outro eixo central da narrativa é a performatividade da masculinidade periférica. A roleta-russa não é apenas um jogo de azar: ela se torna ritual de afirmação de uma virilidade marcada pela exposição ao risco. Judith Butler (1993) nos ajuda a compreender como certas performances de gênero são reiteradas e normalizadas como forma de sobreviver em contextos violentos. No texto, o personagem aceita participar do jogo porque precisa provar algo, não apenas a si mesmo, mas aos outros. Trata-se de um gesto que incorpora a lógica da violência como forma de pertencimento.

Tudo era incrível como num sonho, mas nunca seria o bastante enquanto não levasse a arma pra rua, enquanto não a exibisse pra sua galera. O problema era que, naquela hora, os amigos todos estavam enfiados dentro de casa, assistindo ao desenho de depois do almoço. Menos os viciados em pipa, mas pra esses não adiantava nem tentar mostrar coisa alguma, pois eles nunca deixam de olhar para o céu, nem mesmo quando o vento faz a pipa ficar contra a luz do sol (Martins, 2018, p. 19).

O excerto revela de forma pungente como a infância na periferia é atravessada por experiências ambíguas de violência e desejo de pertencimento. A linguagem informal e altamente oralizada constrói uma atmosfera de verossimilhança que conecta os leitores ao universo dos personagens. As brincadeiras de “polícia e ladrão”, permeadas por referências a armas reais e a filmes como *O Sexto Sentido* e *007*, simbolizam a tênue fronteira entre o lúdico e o trágico na formação subjetiva desses meninos. A disputa entre os colegas sobre calibres de armas e seus efeitos, “trinta e oito”, “doze punheteira”, “Golden Gun”, não é apenas uma conversa pueril, mas uma síntese do modo como a cultura da violência é absorvida, reelaborada e performada pelas crianças como forma de existir no mundo. Ao mesmo tempo, a figura de Paulo revela uma interioridade sensível, marcada pelo desejo de reconhecimento e pela angústia da invisibilidade: um menino que, embora aparentemente comum, carrega um

sentimento de singularidade ainda oculto. Essa contradição entre a brutalidade do ambiente e a delicadeza dos sentimentos dá ao conto uma densidade emocional que ultrapassa o registro documental, evidenciando a potência da literatura como denúncia e como espaço de humanização.

Os personagens do conto são masculinos e essa masculinidade é ambígua: por um lado, ela protege o indivíduo num contexto em que a vulnerabilidade é punida; por outro, ela o empurra para o abismo. A narrativa não glorifica esse modelo, mas o desnuda: a roleta-russa aparece como metonímia de um mundo onde o afeto é interdito, o medo é silencioso e a morte, cotidiana.

Nesse sentido, “Roleta-russa” produz um saber sobre o corpo masculino periférico que raramente é tematizado em outras narrativas. A literatura aqui funciona como “etnografia da intimidade”, revelando as fissuras internas de uma identidade. O texto se organiza numa estrutura fragmentada, com cortes abruptos, mudanças de ritmo e ausência de linearidade. Essa opção estilística não é apenas formal: ela materializa a temporalidade quebrada da periferia, onde o futuro é sempre incerto e o presente, sempre urgente. Trata-se de uma estética da instabilidade, da descontinuidade e do choque, que ecoa a experiência dos personagens e dos leitores.

A fragmentação da linguagem também tem função epistemológica. Ao rejeitar a linearidade e a clareza narrativa, o texto questiona os próprios modos hegemônicos de contar histórias. Como aponta Bhabha (1998), os discursos subalternos muitas vezes precisam deformar a língua do colonizador para poder existir. “Roleta-russa” faz isso ao instaurar uma linguagem que é, ao mesmo tempo, íntima e brutal, poética e cruel.

O valor político da narrativa reside não apenas na denúncia da violência estrutural, mas na capacidade de reinventar, por meio da linguagem, os modos de ser e estar no mundo. Há uma poética da invenção na forma como o texto se organiza e propõe uma sensibilidade alternativa. Não se trata de afirmar que há beleza na dor, mas de reconhecer que até a dor pode ser resignificada como conhecimento, como potência de ruptura.

O conto, nesse sentido, opera como o que Deleuze e Guattari (1995) chamam de “máquina de guerra”: um dispositivo que subverte os códigos dominantes e propõe novas territorialidades. A roleta-russa não é apenas um jogo de morte: é também um grito de desespero, uma metáfora para o modo como a juventude periférica é forçada a viver no fio da navalha. O conto não oferece respostas fáceis, mas exige do leitor uma escuta radical, isto é, aquela que, implica risco, deslocamento e abertura para o outro.

A análise de “Roleta-russa” à luz das epistemologias dissidentes e das poéticas do marginal revela a potência transformadora da literatura periférica. O texto é mais que uma narrativa sobre jovens em situação de risco: é um componente simbólico que desafia os regimes dominantes de saber e visibilidade. Sua linguagem insubmissa, seu ritual de subjetivação, sua denúncia da necropolítica e sua inscrição da dor como memória coletiva fazem dele um dispositivo de resistência.

Paulo precisou descarregar o revólver antes de começar o polícia e ladrão. Todo mundo queria estar no time dele, e era bom viver assim. Na hora de escolher um lado, hesitou. Normalmente, Paulo prefere disputar pelo time dos ladrões, porque é muito chato ficar correndo atrás dos outros o tempo inteiro. Gosta mesmo é de fugir, driblar com o corpo,

exibir agilidade, provocar o adversário. Mas dessa vez acabou escolhendo o time da polícia, pois desejava perseguir cada um de seus amigos, apontar a arma bem no meio de suas cabeças, apertar o gatilho e simular com a boca o som das balas que rompem o cano pra caçar o seu destino. — Trinta e oito é foda porque, quando entra, faz só um buraquinho, mas, quando sai, deixa o maior buracão do outro lado (Martins, 1998, p. 20).

Nesse sentido, “Roleta-russa” nos invita a refletir o papel da literatura, não apenas como espelho da realidade, mas como forma de intervir nela. Ao dar voz aos subalternos, ao criar novas linguagens e formas de ver o mundo, o conto inscreve-se no campo das epistemologias dissidentes, contribuindo para a construção de uma ecologia de saberes mais justa e plural.

5 EPISTEMOLOGIAS DISSIDENTES: UMA CARTOGRAFIA DO SABER SUBALTERNO EM “SEXTOU”

Em um contexto de crescente visibilidade das epistemologias subalternas, a literatura brasileira contemporânea vem se configurando como um campo de disputa simbólica, onde vozes histórica e sistematicamente silenciadas encontram meios de expressar seus saberes, memórias e experiências.

O conto “Sextou”, emerge como uma dessas vozes que, oriundas das margens urbanas, desestabilizam os modelos hegemônicos de representação e produção do saber. A partir de uma linguagem profundamente marcada pela oralidade, pelo uso de gírias e pela performatividade do cotidiano periférico, o conto propõe uma cartografia afetiva e política dos territórios populares, revelando não apenas as violências impostas pelo Estado, mas também os modos de resistência e reinvenção da vida que emergem nesses espaços.

A literatura de Martins não apenas tematiza a favela: ela é produzida a partir dela e para ela. Isso significa que os corpos, linguagens e experiências narradas, como em “Sextou” não são objetos de um olhar externo, mas sujeitos da narrativa, instaurando o sobretudo uma “contra-escrita”, quer dizer, uma produção textual que resiste às epistemologias coloniais ao inscrever a diferença como eixo estruturante. O conto torna-se, assim, um dispositivo de enunciação de saberes periféricos, desestabilizando a dicotomia centro/margem e propondo novos regimes de visibilidade para os sujeitos historicamente apagados da cena literária nacional.

A escolha de “Sextou” se justifica pelo modo como a narrativa encena, em suas múltiplas camadas, uma série de tensões sociais, étnico-raciais e de gênero, sobretudo ao tratar do lazer na favela como espaço tênue entre a sobrevivência e a morte. A sexta-feira que dá título ao último conto do livro não é apenas um dia da semana, mas o marcador simbólico de uma promessa de descanso, prazer e pertencimento. No entanto, como a narrativa revela, essa promessa é constantemente frustrada pela atuação violenta do Estado, que se manifesta através das polícias, helicópteros e abordagens abusivas. É nesse contexto que a linguagem torna-se uma tática de sobrevivência: é através dela que os personagens organizam sua experiência, compartilham saberes e constroem uma memória comum.

Temas centrais incluem a precocidade do trabalho informal, a relação conflituosa com a família, a desigualdade social, o preconceito e o racismo velado, a violência policial e a busca por identidade e respeito em um ambiente hostil. A trama é marcada por tensões entre desejo, resistência e conformidade. O autor cria uma narrativa impactante que funciona como denúncia social e convite à empatia, trazendo vozes silenciadas pela grande mídia e pela literatura tradicional.

“Sextou” proporciona um retrato contundente e autêntico da vida na periferia, evidenciando as dificuldades e contradições enfrentadas por jovens em contextos marcados pela pobreza e exclusão social. A linguagem coloquial e a narrativa em primeira pessoa criam uma voz direta e próxima, que expressa as tensões cotidianas de um indivíduo inserido num ambiente onde a sobrevivência exige responsabilidade precoce e resiliência. Desde o início, o texto desconstrói qualquer romantização da relação familiar, apresentando uma mãe pragmática que, ao invés de punir com palavras, cobra do filho a responsabilidade de arcar com as consequências de seus atos, evidenciando uma realidade dura e objetiva que molda as escolhas e comportamentos do protagonista.

A experiência do jovem narrador no mundo do trabalho informal e precarizado é outro elemento central do conto, ilustrando a complexidade das relações sociais entre classes distintas. O emprego como boleiro, ainda que seja um trabalho humilde e subalterno, é revelador das limitações culturais e econômicas que circundam sua trajetória. A ambivalência da relação com o empregador, marcada por distância social e convivência tensa, espelha o conflito permanente entre aspirações pessoais e barreiras impostas pelo ambiente social. Além disso, o contato cotidiano com figuras marginalizadas, como usuários de drogas e trabalhadores informais, expõe o leitor ao universo permeado por insegurança e risco, realçando as múltiplas camadas de vulnerabilidade que definem a vida periférica.

O conto em apreço retrata com intensidade a violência simbólica e material sofrida pelo narrador, desde o enfrentamento com a polícia até a frustração representada pelo “saldo insuficiente” no cartão de passagem. Esses episódios revelam uma opressão estrutural que limita o acesso aos direitos básicos e perpetua a sensação de exclusão e impotência. A raiva expressa pelo protagonista não é apenas um desabafo individual, mas uma manifestação legítima da indignação diante de um sistema que marginaliza e desumaniza. Assim, “Sextou” não só narra uma história pessoal, mas serve como um dispositivo crítico para compreender as dinâmicas de desigualdade, resistência e sobrevivência nas periferias urbanas contemporâneas.

Analisar-se-á, a partir de então, algumas situações presentes no conto em questão, que refletem a vivência marginalizada do narrador, revelando cenas marcadamente densas e reveladoras de seu cotidiano periférico.

No trecho inicial, “Quando minha mãe descobriu que eu tava fumando cigarro, ela não veio me comendo no esporro, como eu imaginava. Ela só disse que não me daria mais dinheiro, que, se eu já tinha idade pra ter vício, também já tinha idade pra trabalhar e manter o vício” (Martins, 2018, p. 77), percebe-se uma relação direta e desprovida de sentimentalismos entre mãe e filho. A postura da mãe não é de reprovação emotiva, mas sim prática e dura, exigindo do jovem uma responsabilidade

imediate diante das consequências de seus atos. Essa atitude reflete a realidade de muitos jovens em contextos sociais difíceis, nos quais o dinheiro para o vício não é concedido como um agrado, mas algo que deve ser conquistado. Além disso, a linguagem coloquial e espontânea do narrador aproxima o leitor do seu universo, conferindo autenticidade e intimidade à narrativa.

Em outro momento, o narrador relata: “O primeiro trabalho que arrumei foi de boleiro, com o Márcio, um professor de tênis que morava em cima da minha casa... Mesmo indo trabalhar com tênis, nosso assunto era sempre futebol” (Martins, 2018, p. 77). Esse fragmento expõe a inserção do jovem no mundo do trabalho, embora de forma precária e, por vezes, humilhante. O contraste entre o ambiente formal do tênis e o tema constante do futebol evidencia as limitações sociais e culturais do narrador, que não pertence ao universo “chique” de seu empregador. A relação ambígua com Márcio, que mistura respeito e conflito, exemplifica a tensão presente no contato entre classes sociais distintas.

Em outra passagem, o narrador confessa: “Passei a odiar todos eles... mas o que eu mais detestava era quando reclamavam dos seus problemas: minha empregada faltou hoje, meu carro teve que ir pra oficina...” (Martins, 2018, p. 78). Aqui, manifesta-se uma forte indignação diante da desigualdade social e da falta de empatia dos mais privilegiados, que se queixam de problemas banais, em nítido contraste com o sofrimento real do narrador. Esse trecho expressa uma alienação e frustração causadas pela proximidade física com uma classe que parece ignorar sua existência, e a linguagem intensa enfatiza a sensação de exclusão e injustiça social vivida pelo protagonista.

O tema da vergonha social e do medo do julgamento também se faz presente em: “A primeira vez que aconteceu foi com um amigo lá do morro... Tentei esconder os papéis, mas não deu... Falei pra ele: ‘Tô na correria, irmão’” (Martins, 2018, p. 80). Nesse trecho, o narrador tenta ocultar seu trabalho degradante até mesmo de um amigo da mesma comunidade, revelando a pressão social para preservar uma imagem diante dos pares. Ainda assim, a presença da camaradagem e da solidariedade entre os jovens da periferia é um contraponto importante às dificuldades enfrentadas.

No cotidiano precário do narrador, destaca-se também a convivência com personagens diversos da periferia, como revela o fragmento: “Um cracudo tinha me vendido um cartão de passagem da Supervia por dois reais... Fui entregar os papéis na rua da Carioca...” (Martins, 2018, p. 80-81). Essa passagem evidencia a interação com o mundo do tráfico, usuários de drogas e trabalhadores informais, ressaltando a constante tensão entre a necessidade de sobrevivência e a exposição a ambientes inseguros e perigosos.

A violência institucional, especialmente a policial, emerge de forma crua no episódio: “O PM apontou a pistola pra minha cara... — Tá com droga aí? — Tô, sim, senhor. Cinco de dez.” (Martins, 2018, p. 84). Esse momento expressa o medo, a arbitrariedade e o abuso de poder que marcam a vida dos jovens periféricos. A naturalidade com que o narrador relata a situação demonstra a recorrência dessa violência, que se tornou parte da sua realidade brutal e cotidiana.

Finalmente, o ápice da frustração social se revela em: “Eu sentia uma raiva tão grande que, se pudesse, mataria todos os quatro ali... Fui andando até a estação, cheguei

na frente da roleta, passei o meu cartão: “Saldo insuficiente”” (Martins, 2018, p. 86). Esse momento simbólico evidencia a exclusão social e a opressão, onde o saldo insuficiente no cartão representa não apenas a falta de dinheiro, mas o impedimento ao acesso a direitos básicos e a uma vida digna. A raiva do narrador expressa a violência simbólica e real sofrida pela juventude marginalizada, que enfrenta diariamente a negação de sua existência e cidadania.

As reflexões a partir do conto “Sextou” evidenciam a força da narrativa periférica em revelar as contradições e desafios vividos por jovens marginalizados nas cidades brasileiras. A autenticidade da voz do narrador e o uso da linguagem coloquial funcionam como potentes dispositivos para aproximar o leitor da realidade complexa da periferia, marcada pela precariedade, exclusão social e violência estrutural. O texto, ao expor situações cotidianas e vivências dolorosas, torna visível um universo muitas vezes invisibilizado pelas narrativas hegemônicas, desafiando estereótipos e convidando à empatia e compreensão crítica.

Além disso, o conto evidencia como os processos de resistência e sobrevivência se articulam na vida desses jovens, que, apesar das dificuldades, buscam formas de afirmar sua identidade e dignidade diante das adversidades. A relação conflituosa com o trabalho, o contato com diferentes camadas sociais e o enfrentamento cotidiano com a violência institucional ilustram um cenário de tensão e luta, onde o protagonismo emerge justamente na tentativa de transformar a própria condição, mesmo que limitada.

Portanto, “Sextou” é uma obra que ultrapassa o registro ficcional para atuar como um importante testemunho social e político. Sua relevância está em dar voz a experiências marginalizadas, promovendo uma leitura crítica das desigualdades e dos mecanismos de opressão que atravessam as periferias urbanas. Assim, o conto contribui para ampliar o diálogo sobre as epistemologias dissidentes e as poéticas que emergem dos territórios de resistência, reafirmando a necessidade urgente de reconhecer e valorizar esses saberes e vivências.

CONSIDERAÇÃO FINAIS

O conto “Rolézim” é mais do que uma crônica urbana. Ele se constitui como artefato de saber, resistência estética e poética do marginal. Ao se apropriar da linguagem como ferramenta de subversão e ao transformar a experiência da favela em matéria literária, o texto participa de uma contra-história da cidade, dos afetos e das violências estruturais. Em tempos de apagamento das vozes periféricas, “Rolézim” emerge como grito necessário, insurgente e epistemicamente legítimo. Ele nos ensina que a literatura também é lugar de batalha, onde se escreve a partir da dor, do prazer e da urgência de permanecer vivo.

Enquanto, “Roleta-russa” é mais do que um conto sobre violência. É uma narrativa sobre a forma como o saber se produz na margem, no corpo, na ruptura. Ao articular dor, risco e resistência, o conto inaugura uma epistemologia dissidente que desafia os modos dominantes de representação e produção de conhecimento. Ele nos obriga a olhar para a periferia não como espaço de carência, mas de invenção radical, de vida reinventada à beira do abismo.

Nessa perspectiva, “Sextou” apresenta um retrato cru e realista da vida de um jovem periférico no Rio de Janeiro. A narrativa em primeira pessoa, com linguagem coloquial e cheia de gírias, traz autenticidade e aproxima o leitor da realidade marginalizada.

Sendo assim, ao analisarmos esses contos sob a lente das epistemologias dissidentes, compreendemos que a literatura periférica não é apenas reação à exclusão, mas afirmação de um mundo outro, onde a linguagem, mesmo ferida, continua a ser possibilidade de gesto, de denúncia, de amor e de fúria.

REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BUTLER, Judith. *Bodies That Matter: On the Discursive Limits of "Sex"*. New York: Routledge, 1993.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B2_ZK-qR9WEKYjcxNDk0Y2ItOTYxYS00ZDQwLWE2ZDYtZDFmNGI0MGRmNzJk/view?resourcekey=0-t9TSekNc6NaJ4qJqJYAj-w. Acesso em: 20 mai. 2025.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Trad. Ephram Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. São Paulo: Editora 34, 1995.
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Trad. Renata Santini. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- NASCIMENTO, Abdias do. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- PEREIRA, Sasha Cruz Alves. “Pode o Subalterno falar?”. In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2022. Disponível em: <https://ea.fffch.usp.br/obra/pode-o-subalterno-falar>. Acesso em 12 abr. 2025.
- ROLNIK, Suely. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. Porto Alegre: Sulina; Editorada UFRGS, 2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SILVA, Denise Ferreira da. *A dívida impagável*. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.